



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9836 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

PESQUISAS SOBRE PESQUISAS, ESTUDOS SOBRE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: MEMÓRIA BIBLIOGRÁFICA E EPISTEMOLOGIAS

João Marcelo dos Santos Pereira - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

Paola de Castro dos Santos - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Fernanda Câmpera Climaco - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

PESQUISAS SOBRE PESQUISAS, ESTUDOS SOBRE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: MEMÓRIA BIBLIOGRÁFICA E EPISTEMOLOGIAS

Resumo:

O trabalho se inscreve no campo da metapesquisa e se estrutura a partir do exame de memória bibliográfica já catalogada (BASE DE DADOS, 2021). A investigação em torno das epistemologias da pesquisa no campo da Educação Infantil foi impulsionada a partir dos trabalhos de Rocha (1999 e 2010), da urgência de aproximarmos pesquisas, políticas e práticas através de um inventário da memória do nosso campo de investigação (CHARLOT, 2006) e da necessidade de aprofundarmos a análise e a compreensão acerca dos pressupostos epistemológicos das pesquisas (MAINARDES, 2017, 2018 e 2021). Nosso objetivo foi mapear autores e textos mais citados nas pesquisas sobre crianças, infância e educação infantil, identificar pressupostos teóricos e metodológicos predominantes e indicar temáticas emergentes. Para isso, indagamos sobre as perspectivas assumidas na discussão, as posições diante das problemáticas mobilizadoras e as análises dos resultados já obtidos. A pesquisa indica que três autoras e um autor aparecem como os mais citados em dissertações, teses, trabalhos completos da ANPED e artigos científicos publicados em revistas qualis A1 da área de educação infantil, a saber: Campos (1995; 1997), Kramer (1995; 2002), Rosemberg (1984; 2002) e Sarmiento (2004; 2005).

Palavras Chave: Metapesquisa; Epistemologias; Infância e Educação Infantil; Memória Bibliográfica.

Introdução: uma problemática recorrente

Um problema recorrente para quem realiza dissertações de mestrado e teses de doutorado voltadas para os estudos da infância e da Educação Infantil é a falta de inventários críticos e analíticos do conjunto de pesquisas já desenvolvidas nesse campo acadêmico e de produção científica. Muitas vezes, acossados por demandas imediatas das práticas educativas e das lógicas do mercado deixamos de refletir mais profundamente sobre o que fazer e como fazer as investigações propostas. Na Educação Infantil, conforme alerta Kramer (2011), há ainda uma "distância entre o conhecimento academicamente disponível e as práticas institucionais"

(KRAMER, 2011, p. 393).

A questão que nos orienta nesse artigo é saber o que já está estabelecido nos estudos do campo, quais temáticas são emergentes, como nos posicionamos na discussão para além de objetos sociomidiáticos, onde identificar balanços de pesquisas já realizadas, como analisar as problemáticas mobilizadoras, os resultados já obtidos e as novas indagações que podem surgir. Esse percurso pode nos ajudar a construir uma cultura científica comum e a conviver com o fato de sermos especialistas em temas sem fronteiras claras e imprecisos. Sabemos que uma pesquisa em educação vai além de uma pesquisa em temas educacionais. É em torno do que escrevemos, publicamos e divulgamos que podemos *tecer e retecer* uma cultura comum que, no campo dos estudos da infância e da educação infantil, pode e deve articular política científica e política educacional. O comum não impede misturas, cruzamentos e interpelações fecundantes e fecundas. Nossas epistemologias práticas e teóricas se fortalecem no encontro com o outro em função de ser a educação, inescapavelmente, uma prática social. Os conhecimentos que produzimos partem de práticas e de políticas e se voltam para as práticas e as políticas educativas em que teorias simples e unidimensionais não são suficientes para a compreensão dos fenômenos estudados (CHARLOT, 2006).

Tanto as teorias quanto as práticas educacionais se enriquecem e se fragilizam em decorrência da especificidade de nosso campo de pesquisa. Isso ocorre porque na educação circulam conhecimentos e saberes diversos originários de múltiplas experiências e disciplinas acadêmicas. Educação como prática é necessariamente mais ampla. Educação como pesquisa é necessariamente mais específica. Quando abrimos pulverizamos. Quando fechamos isolamos. É preciso arriscar a abrir e a fechar para construir pesquisas em educação mais fortes com métodos e conceitos próprios. Charlot (2006, p. 10) afirma que para isso é “necessário começar por um inventário dos tipos de discursos existentes sobre educação”. Há pesquisas práticas e quase antipedagógicas. Há pesquisas teóricas que definem axiologicamente a pedagogia e apontam normativamente para um “dever ser”. Há ainda pesquisas militantes em níveis micro e local ou macro e internacional. Quem se engaja nas pesquisas em educação se depara com esse universo de discursos. Discursos já instalados, já prontos. É preciso enfrentar esses discursos prontos, da academia ou de fora dela, propondo e desenvolvendo pesquisas cada vez mais relevantes e que ultrapassem das demandas imediatas geralmente presas a uma agenda sóciomidiática. A definição de temas, objetos e problemas de pesquisa exige maior elaboração e reflexão apurada. E isso contribui para a superação de estudos esparsos, justapostos e desarticulados.

Por isso, na pesquisa educacional é importante estar atento às contradições, às tensões, às defasagens, à heterogeneidade das lógicas que orientam, por exemplo, as crianças das classes populares e dos professores que trabalham com essas crianças. Na caminhada de pesquisa, o mais simples poderia ser resolver problemas do ponto de partida e da memória, pois enquanto as chamadas “ciências duras” avançam cumulativamente a partir de seus pontos de chegada, as chamadas ciências humanas e sociais avançam a partir de suas indagações iniciais. “Quando há avanços nessas ciências é porque foi proposta uma outra forma de começar” (CHARLOT, 2006, p.16). Não há acumulação. Há memória. Charlot (2006) adverte que é preciso conhecer como nos relacionamos com aquilo que já sabemos. Não podemos refazer continuamente as mesmas teses, as mesmas dissertações. “Nossa disciplina não tem uma memória suficiente e isso freia o progresso da pesquisa em educação” (CHARLOT, 2006, p.17), por isso, não podemos nos esquecer dos debates que aconteceram em décadas anteriores.

Opções teóricas e passos metodológicos

No âmbito desse estudo acompanhamos a diferenciação proposta por Mainardes (2021) entre

“metapesquisa” e “estudos de revisão” que visam rever sistematicamente a literatura e construir um estado da arte ou um estado do conhecimento. Isso porque enquanto os estudos de revisão identificam e mapeiam pesquisas relevantes sobre uma determinada questão indicando lacunas que possibilitem justificar a realização de novas investigações, a metapesquisa é empreendimento multidisciplinar e se caracteriza como proposta aberta e flexível que busca se adaptar aos propósitos e aos referenciais teóricos dos estudos de um determinado campo ou de determinada área. Nos estudos de revisão destacam-se as questões temáticas investigadas. Na metapesquisa destacam-se as questões teóricas e epistemológicas que orientam as pesquisas. A identificação de tais questões permitem avaliar e melhorar as práticas de pesquisa apontando perspectivas, tensões e desafios presentes na produção de conhecimento.

A “pesquisa sobre pesquisa” ou metapesquisa que estamos desenvolvendo, visando a analisar os estudos sobre infância e educação infantil, parte de uma memória bibliográfica já consolidada. Animados pelos estudos já realizados por Rocha (1999; 2010), mobilizados pela necessidade de aproximação entre pesquisas, políticas e práticas cotidianas por meio de um inventário da memória do nosso campo de investigação (CHARLOT, 2006) e pela urgência de aprofundar os pressupostos epistemológicos das pesquisas (MAINARDES, 2017; 2018; 2021) organizamos a lista completa de todas as referências utilizadas por aqueles que se dedicam aos estudos sobre infância e Educação Infantil entre 2006 - marco temporal definido em virtude da aprovação do FUNDEB - e 2020. Nomeamos essa lista de “memória bibliográfica do campo”. Toda a base de dados foi organizada a partir das palavras-chave “criança”, “infância” e “educação infantil”. Tais indagações sobre a base epistemológica dos estudos do campo parte de um total de 48.108 (quarenta e oito mil e cento oito) referências utilizadas pelos pesquisadores no período e da base de dados catalogada que reúne um total de 1070 dissertações e 524 teses disponíveis no portal da CAPES; 291 artigos publicados em revista qualis A1 e 331 trabalhos completos apresentados em todos os GTs nas Reuniões Anuais ANPEd.

Análises parciais: a serem desenvolvidas no texto completo

Na consecução do objetivo de mapear, através desses autores e textos, os pressupostos teóricos e metodológicos predominantes nas pesquisas sobre criança, infância e Educação Infantil, somente três autoras e um autor aparecem como os mais citados em toda base de dados organizada: Campos (1995; 1997), Kramer (1995; 2002), Rosemberg (1984; 2002) e Sarmiento (2004; 2005).

Tabela 01 – autores e textos mais citados nos estudos da infância e da Educação Infantil

Autor/a	Em dissertações	Em teses	Em trabalhos da ANPEd	Em artigos	Total de citações
Campos	91	311	36	61	499
Kramer	169	557	57	59	842
Rosemberg	90	299	132	63	584
Sarmiento	101	437	76	45	659

Fonte: Base de dados da pesquisa, 2021.

A partir dessa constatação indagamos: quais (pressupostos) são as bases epistemológicas desses autores e textos? E em que medida tais pressupostos se fazem presentes nas pesquisas desenvolvidas nesse campo de estudo? Como o estudo desses autores e textos contribuem para o fortalecimento das pesquisas nos estudos da infância e da Educação Infantil?.

De Maria Malta Campos (citada 499 vezes) temos o texto “*Educação infantil: o debate e a pesquisa*” (CAMPOS, 1997) e o texto “*A qualidade da educação infantil brasileira*” publicado em parceria com outras pesquisadoras (CAMPOS *et al.*, 2006). O texto da década de 1990 continua básico para a compreensão das pesquisas no campo da educação infantil. Já o texto de 2006 mostra elementos fundamentais para a aspectos fundamentais do debate sobre a qualidade na educação infantil em todo o país.

Kramer (1995; 2002) e Rosemberg (1984; 2002) são outras duas autoras da Educação Infantil muito citadas nas pesquisas do campo. De Sonia Kramer (citada 836 vezes) temos os textos “*A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*” e “*Autoria e autorização: questões éticas da pesquisa com crianças*”. De Fúlvia Rosemberg (citada 584 vezes) temos dois textos bastante citados pelos pesquisadores: “*O movimento das mulheres e a abertura política no Brasil*” e “*Organizações multilaterais, Estado e políticas públicas de educação infantil*”. O artigo da década de 1980 é fundamental para a discussão sobre a relação entre o movimento das mulheres e o processo de abertura política no Brasil. Já o texto de 2002 faz uma análise contundente da relação entre as políticas de educação infantil com o Estado e as organizações multilaterais.

Sarmiento (2004, 2005) é também bastante citado (659 vezes) com dois textos importantes: “*As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade*” e “*Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância*”. Nos dois trabalhos, o autor apresenta relevantes discussões sobre as culturas da infância na contemporaneidade e tece interrogações voltadas para a sociologia da infância no sentido de definir a infância como uma categoria estrutural/estruturante de tipo geracional. A apropriação de Sarmiento pelas pesquisas brasileiras mostra a emergência da sociologia da infância nos estudos sobre educação infantil no Brasil e no mundo.

Conclusões provisórias

O desenvolvimento de uma metapesquisa sobre os estudos que versam sobre criança, infância e educação infantil permitiu até aqui, dentre outras coisas, construir uma memória bibliográfica do campo e aprofundar reflexões sobre a base teórica e epistemológica que orientam os trabalhos de investigação já concluídos. Nesse texto apontamos que as autoras Maria Malta Campos, Sônia Kramer e Fulvia Rosemberg juntamente com o autor Manuel Sarmiento são os mais citados na base de dados da pesquisa.

Referências

BASE DE DADOS. Pesquisa sobre pesquisas: pressupostos epistemológicos dos estudos sobre criança, infância e Educação Infantil 2006 a 2020. Belo Horizonte: UFMG – Faculdade de Educação. Documentos arquivados, 2021.

CAMPOS, M. M. M. Educação infantil: o debate e a pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 101, p. 113-127, jul. 1997. Disponível em: <<https://bit.ly/2sxdB6Y>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

CAMPOS, M. M. M.; FÜLLGRAF, J.; WIGGERS, V. A qualidade da educação infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, S. P., v. 36, n. 127, p. 87-128, jan./abr. 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2LlyQ2I>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 31,

jan.abr. 2006, pp. 7-18.

KRAMER, S. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. São Paulo: Cortez, 1995.

KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas das pesquisas com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, S. P., n. 116, p. 41-59, jul. 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2HisCOs>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

MAINARDES, J. (Org.). *Metapesquisa no campo da política educacional*. Curitiba: CRV, 2021.

MAINARDES, J. Metapesquisa no campo da política educacional: elementos conceituais e metodológicos. *Educar em Revista*, vol. 34, Curitiba, 2018.

MAINARDES, J. A pesquisa sobre política educacional no Brasil: análise de aspectos teórico-epistemológicos. *Educação em Revista*, vol.33, Belo Horizonte, 2017.

ROCHA, E. A. C. 30 anos da educação infantil na Anped. In: SOUZA, G. (Org.). *Educar na infância: perspectivas histórico-sociais*. S. P.: Contexto, 2010. p. 157-170.

ROCHA, E. A. C. A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

ROSEMBERG, F. O movimento de mulheres e a abertura política no Brasil: o caso da creche. *Cadernos de Pesquisa*, S. P., n. 51, p. 73-79, nov. 1984. Disponível em: <<https://bit.ly/2J93I9X>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

ROSEMBERG, F. Organizações multilaterais, estado e políticas de educação infantil. *Cadernos de Pesquisa*, S. P., n. 115, p. 25-63, mar. 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2kLRyVZ>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: CERISARA, A. B.; SARMENTO, M. J. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância*. Porto: Asa, 2004. p. 9-31.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2HiMRvK>>. Acesso em: 4 jun 2018.